

O Segundo Livro de Deus: Educação Adventista e as Ciências

Em sua breve biografia do administrador educacional Percy T. Magan, Maurice Hodgen declara que “os adventistas... raramente, se é que alguma vez, têm estado na vanguarda da educação científica”.¹

Embora fatores como falta de recursos financeiros e humanos tenham limitado as contribuições adventistas, a postura filosófica da denominação tem provavelmente desempenhado o papel principal em moldar seu relacionamento com as ciências. Conquanto seja difícil saber exatamente o que tenha sido ensinado nas salas de aula, parece que pelo menos durante os primeiros 50 anos em que administraram um sistema educacional, os adventistas demonstraram relativamente pouco interesse nas ciências para benefício próprio. Melhor dizendo, a ciência serviu principalmente como meio de promover um viver saudável ou como fonte de lições espirituais práticas.

Disciplinas Impressionantes, mas Pouca Profundidade

Quando o Colégio de Battle Creek abriu suas portas, em 1874, na cidade de Battle Creek, Michigan, ofereceu pouco no ensino de ciências. Embora o “Curso Clássico” anunciado em seu primeiro prospecto incluísse umas poucas disciplinas na área das ciências – fisiologia, filosofia natural, botânica, química, geologia e astronomia – poucos estudantes optaram pelo curso. O mais popular “Curso de Inglês” (Letras), planejado principalmente para treinar professores, incluía disciplinas como botânica, filosofia natural e história natural.² Apesar do prospecto

mencionar que haveria “incentivo especial àqueles que demonstrassem interesse em Saúde”, nenhuma disciplina esteve disponível senão algumas aulas particulares de química, anatomia, e outras matérias da área médica, oferecidas por John Harvey Kellogg, recém-nomeado diretor do Western Health Reform Institute (Instituto Ocidental de Reforma da Saúde).³ Dentro de poucos anos, o colégio ofereceu um “Curso Científico”, embora, conforme comenta Emmett K. Vande Vere: “No papel o oferecimento do curso na área de ciências parecia impressionante: física, astronomia, geologia, zoologia, botânica, fisiologia e higiene. As disciplinas, porém, pouco se aprofundavam.”⁴

O interesse na área de saúde sugerido pelos comentários sobre saúde do

prospecto de 1875 logo levou Kellogg a desenvolver uma Escola de Saúde, que começou a funcionar em 1878. Juntamente com outros médicos do Hospital de Battle Creek, Kellogg oferecia “instrução básica em anatomia, fisiologia, química, física e filosofia mental”, que capacitava os alunos a ensinar a outros os princípios de um viver saudável.⁵ Embora Kellogg tenha suspenso o curso depois de alguns anos, ele o reativou em 1889, com o nome de Sanitarium School for Medical Missionaries (Escola do Hospital Para Médicos Missionários), concentrando-se na formação de pastores, professores e missionários para serem eficientes defensores dos seus princípios de saúde.

Kellogg perseguiu um alvo mais profissional quando iniciou um curso de enfermagem de três meses, em 1883, que depois de algum tempo se transformou em um curso de dois anos para a formação de enfermeiros. As Dras. Kate Lindsay e Anna Stewart lecionaram a maior parte das disciplinas na Sanitarium Nursing School (Escola de Enfermagem do Hospital), embora Kellogg fizesse algumas palestras. Em 1895, Kellogg fundou o American Medical Missionary College (Colégio Médico-Missionário Americano), que se tornou famoso por começar a instrução clínica durante o primeiro ano do curso. Kellogg declarou: “A instrução consistirá em grande parte de estudo do livro didático, treinamento prático, trabalho clínico e outros trabalhos práticos com os doentes, para que desde o início o aluno se familiarize com as doenças em todas as suas fases e com métodos racionais de tratamento.”⁶

por Gary Land

Ciência Como Livro de Referência Para Lições Espirituais

Enquanto a Igreja Adventista do Sétimo Dia avançava em direção ao estabelecimento de um programa educacional na área médica, desenvolvia também outros aspectos do seu sistema educacional, incluindo escolas de ensino fundamental e médio, bem como colégios de ensino superior. Esses esforços incluíram considerável discussão quanto ao tipo de educação que a igreja deveria oferecer. Como voz profética jovem da denominação, Ellen G. White insistiu em que os professores devessem abordar a natureza como um recurso para lições espirituais. “Que aprendam as crianças a ver em a natureza uma expressão do amor e da sabedoria de Deus”, ela escreveu; “que o pensamento a respeito dEle se entrelace com pássaros, flores e árvores; que todas as coisas visíveis se tornem para elas os intérpretes do invisível, e todos os acontecimentos da vida sejam os meios para o ensino divino.”⁷ Finalmente, na opinião de Ellen G. White, os alunos nas escolas adventistas deviam ser ensinados a compreender que a natureza era sustida pelo poder de Deus, ao invés de funcionar como um sistema que podia ser explicado naturalmente. “Os mais profundos estudantes da ciência são constrangidos a reconhecer na natureza a operação de um poder infinito”, ela escreveu ainda. “Ora, para a razão humana, destituída de auxílio, o ensino da natureza não poderá deixar de ser senão contraditório e enganador. Unicamente à luz da revelação poderá ele ser interpretado corretamente.”⁸

I números educadores adventistas tentaram colocar os princípios de Ellen White em prática. Provavelmente o mais sincero tenha sido E. A. Sutherland, que como diretor do Colégio de Battle Creek procurou transformar radicalmente seu currículo, finalmente transferindo a escola para a localização mais rural de Berrien Springs, Michigan, onde foi reestabelecida como Emmanuel Missionary College (Colégio Missionário Emanuel). Afirmando que a Bíblia deve servir de “intérprete da natureza e dos fenômenos naturais”, Sutherland argumentava que, metodologicamente, os professores precisavam começar com a realidade espiritual e então prosseguir para a natureza. “A lei espiritual é a coisa procurada, e a correspondente lei

física é comparada a ela. Uma vez encontrada, cada fato aprendido, cada observação feita, mostra mais claramente ainda a atuação daquela lei no mundo espiritual. Para tal ensino, a fé é um atributo indispensável.”⁹

Um dos professores de Sutherland procurou colocar em prática essa perspectiva. Em um livro didático escrito para escolas de ensino fundamental, Marion Ernest Cady explicou que a “verdadeira ciência” interpreta “a escrita manual do Criador no mundo natural”. Ele organizou tópicos como “luz e calor”, “plantas” e “animais terrestres” de acordo com sua ordem de criação relatada no Gênesis e indicou que cada um deveria ser estudado sob quatro diferentes aspectos: sua origem, natureza, utilidade e “leis de verdade espiritual”.¹⁰ Embora ele tenha escrito o livro em grande parte na forma de esboço de lições com freqüentes referências a textos bíblicos, Cady ocasionalmente explicava mais detalhadamente a abordagem que estava defendendo. Ele salientou, por exemplo, que a Bíblia muitas vezes usa as plantas para ensinar lições espirituais, como quando o Salmo 1 apresenta o homem espiritual como uma árvore, observando que “a Bíblia está repleta desses símbolos tomados emprestado da natureza para ilustrar verdades divinas, e dessas os alunos precisam mais, sim, infinitamente mais, do que necessitam de fatos que servem unicamente para a vida secular”.¹¹

Parece que os professores de ciências tiveram dificuldade com esta abordagem espiritual para sua disciplina. Em 1910, Harland U. Stevens, que lecionava no Union College, em Lincoln, Nebraska, argumentou que conquanto a verdadeira educação deva salientar as verdades espirituais, ela deve também abordar “a vida secular”. “A ciência natural... está muito preocupada com a vida presente e os interesses seculares do ser humano”, escreveu ele. “Ela o ensina como desfrutar a vida de maneira mais plena, mais profunda e mais ampla, desde que em sentido mais compreensivo.” Sugerindo uma metodologia oposta à de Sutherland e Cady, Stevens destacou que o estudo da natureza leva finalmente a uma familiaridade com a mente mestra na natureza, o Pai Infinito, o Criador de tudo. Assim, a ciência natural se torna o estudo de Deus através das obras criadas. Conhecemos o Criador por meio de Sua criação.”¹²

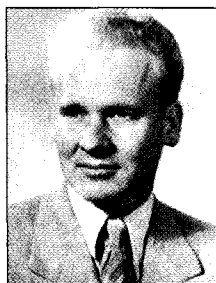
Ciência — Disciplina do Conteúdo ou Instrumentalizante

Por volta de 1923, no entanto, a interpretação que Sutherland e Cady deram aos princípios de Ellen G. White ecoaram através dos comentários de Warren E. Howell, secretário do Departamento de Educação da Associação Geral. Descrevendo a ciência como uma disciplina do “conteúdo” que fornece alimento espiritual, em contraste com disciplinas “instrumentalizantes” que oferecem habilidades, Howell argumentou que “quando adequadamente levada para a área espiritual, tanto a ciência como a história pertencem à classe de estudos sacros perseguidos pelas escolas dos profetas. ... Como alimento espiritual são secundárias unicamente à Bíblia e ao Espírito de profecia [sic] – na verdade, proporcionam um tipo de cultura espiritual não ampliada pela Bíblia, embora ambas sejam grandemente dependentes da Bíblia para sua eficácia espiritual.”¹³

Acomodando as Exigências da Educação Médica

A abordagem espiritual de Howell para a ciência, entretanto, colidiu com as necessidades do ensino adventista na área de saúde. Com o afastamento de Kellogg do adventismo, no início do século 20, a denominação não teve mais o controle do Colégio Médico Missionário

rio Americano, que em 1910 integrou-se à Escola de Medicina da Universidade de Illinois. A igreja, então, iniciou uma nova instituição de treinamento médico no sul da Califórnia, a qual por volta de 1920 se tornou o College of Medical Evangelists (Colégio de Evangelistas Médicos). Quando em 1920 a American Medical Association (Associação Americana de Medicina) ameaçou remover a classificação “A” (que era necessária em vários Estados para que os graduados da escola exercessem a profissão médica) por causa da aceitação de alunos que haviam se formado em colégios não reconhecidos, cresceu a pressão pelo reconhecimento dos colégios adventistas. Pressão adicional pelo reconhecimento se desenvolveu por causa dos requisitos de licenciamento de enfermeiros e certificação de professores do ensino médio. Além da oposição de líderes denominacionais, como Howell, contra o reconhecimento “secular”, entre as questões que atrapalhavam o processo de tais aprovações estava a falta de professores com formação de pós-graduação, bem como instalações inadequadas para a área de ciências.



Ernest S. Booth

Rosario Beach no Estado de Washington, 1958, local da Marine Station do Colégio Walla Walla. Ernest S. Booth, fundador do centro está em pé à direita.

ram nos vários livros de história dos colégios têm um tema em comum. Do Colégio União do Pacífico, Walter Utt escreve: “Durante muitos anos os departamentos de ciências partilharam o prédio administrativo praticamente com todos os demais. No tempo de Irwin, o Professor Wolfkill ocupava várias salas da parte de trás do prédio e parte do corredor. Os laboratórios eram opressivos aos delicados nervos olfativos não científicos e o aperto os tornava cada vez piores.”¹⁶ A respeito do Colégio União, Everett Dick declara: “As ciências têm-se expandido até agora. Em vez de um departamento de ciências, havia um departamento de química no porão sul do prédio administrativo... um departamento de física na extremidade norte, e um departamento de biologia na extremidade norte do segundo andar. Esses departamentos em crescimento estavam apertados no que se refere a espaço e, além disso, o departamento de química corria bastante perigo de incêndio, sem mencionar a origem da crise de gases que outras pessoas no prédio tinham de suportar.”¹⁷ E em 1946, o Colégio Missionário do Sul – que acabara de ter seu nível elevado para colégio universitário – tinha um departamento de biologia que na descrição de Dennis Pettibone “partilhava metade de uma sala com divisórias no Lynn Wood Hall. Essa área servia de escritório, biblioteca e sala de palestras para classes pequenas. Os suprimentos de microbiologia eram armazenados em uma caixa de sapatos que era guardada debaixo da escadaria, e era necessário fazer uma caminhada

pela área de química para reavê-los.”

Elevando o Nível Para Obter Reconhecimento

No ímpeto de obter reconhecimento, várias escolas construíram novas instalações. O Colégio Walla Walla erigiu um novo prédio de ciências por volta de 1920, provavelmente antecipando uma tentativa de reconhecimento. Atendendo recomendações de uma inspeção da então recentemente organizada Board of Regents (Comissão de Avaliação) denominacional, que durante algum tempo a igreja esperava substituiria o reconhecimento regional, o Colégio União do Pacífico construiu seu novo prédio de ciências em 1930. De acordo com Utt, essa estrutura acomodava “física no andar térreo, química no primeiro andar e biologia no segundo. Pelos esforços de Ernest Booth e Donald Hemphill, um museu de biologia foi organizado”. Aparentemente independente dos esforços pelo reconhecimento, o Colégio União do Pacífico também ostentou dois observatórios de astronomia, construídos em 1930 e 1932, por meio do trabalho e influência do Professor M. W. Newton, que se aposentara poucos anos antes.¹⁹ Em

Para solucionar o problema da educação superior dos professores, os colégios começaram a patrocinar o estudo de pós-graduação para vários deles, alguns durante o verão e outros tirando licença para estudo contínuo. O Colégio Walla Walla, por exemplo, enviou George Kretschmar à Universidade de Chicago, onde ele completou um Ph.D. em física, e George Bowers à Universidade de Nebraska, onde completou seu doutorado em química.¹⁴ Considerando que em 1931 dois professores deram todas as aulas de matemática, física, biologia e química no Colégio Walla Walla, as várias áreas começaram a apresentar identidade mais específica quando o colégio organizou departamentos separados de biologia e química, em 1938, e dois anos mais tarde começou a oferecer licenciatura plena em biologia.¹⁵ Presume-se que houve relação entre o fato de os professores completarem seu doutorado e o desenvolvimento mais especializado de suas disciplinas nas escolas.

Lutando com Instalações Inadequadas

As descrições dos laboratórios e salas de ciência desse período que aparece-



George McCready Price (1870-1963), professor e criacionista adventista do sétimo dia.

1931, o Colégio Missionário Emanuel lançou uma campanha para arrecadar 20 mil dólares em 30 dias, completando em 1932 a construção de um prédio de ciências de dois andares. Embora até 1946 o Colégio União não tenha construído novas instalações para acomodar a área de ciências,²⁰ durante a década de 1930 equipamento adicional foi comprado e assim elevado o nível do seu laboratório de física e biologia.

Esses vários esforços alcançaram êxito. Em 1933, o Colégio União do Pacífico se tornou o primeiro colégio adventista a receber seu reconhecimento como colégio universitário, e durante os vários anos subseqüentes, outros colégios o seguiram: Colégio Walla Walla (1935), Colégio União (1937), Colégio Missionário Emanuel (1939), Colégio Missionário de Washington (1942), e Colégio União do Atlântico (1945).²¹

Novos Cursos

Após a Segunda Guerra Mundial, algumas dessas instituições se aventuraram a conquistar novas alturas. Em 1946, Ernest Booth, que lecionava em Walla Walla, iniciou um Centro de Pesquisa Biológica de Campo em Puget Sound (que foi transferida para Rosario Beach em 1954), e organizou um curso de mestrado em biologia.²² No Colégio União do Pacífico, Harold W. Clark, que entre 1929 e o início da década de 1940 havia liderado pesquisas de campo de história natural em várias localidades da costa do Pacífico, abriu em 1947 um centro de pesquisa de campo em Albion que, entre outras coisas, exibia um barco com fundo de vidro construído pela marcenaria do colégio.²³

Abordagens Criativas Para Geologia

Durante o debate pelo reconhecimento, os líderes da igreja expressaram certa preocupação com o fato de que professores adventistas de ciências que haviam freqüentado escolas seculares podiam ter absorvido a teoria da evolução. Embora a denominação houvesse mostrado oposição à teoria de Darwin desde a publicação do livro *A Origem das Espécies*, em 1859, somente quando George McCready Price começou a publicar seus escritos anti-evolucionistas, no século 20, é que um modelo alternativo começou a surgir. A mais importante das obras de Price foi *The New Geology* (em 1922), um livro

didático para o ensino superior. Rejeitando a idéia de uma coluna geológica coerentemente ordenada, Price alegava que rochas contendo fósseis apareciam em muitas seqüências e portanto não podiam ser usadas para estabelecer datas. Contrário à prevalecente abordagem uniformizada da geologia, que admitia que processos naturais observáveis como sedimentação podiam explicar fenômenos geológicos, Price ofereceu um “novo catastrofismo” em que o dilúvio de Gênesis 11 era responsável por todos os depósitos estratificados.²⁴

Um dos alunos de Price foi Harold W. Clark, que em 1933 se tornou o primeiro adventista a obter um mestrado em biologia. Diferente de seu mentor, Clark visitou áreas geológicas e como resultado começou a desviar-se da versão ortodoxa de Price. Por volta de 1929, ele chegara à conclusão, contrário à posição de Price, de que um período glacial tinha certamente ocorrido; e então, em 1938, quando ele visitou os campos petrolíferos em Oklahoma e Texas, a convite de um aluno, foi capaz de determinar que realmente havia uma ordem definida para as camadas de rochas. Clark incorporou essas conclusões a uma nova versão da geologia do dilúvio na qual argumentava que os registros fósseis refletem a zona ecológica do mundo pré-diluviano. Ele também admitiu considerável mudança biológica desde o dilúvio. Price acusou Clark de heresia após sua publicação de *Genes and Genesis* (1940), mas foi incapaz de conseguir que a igreja emitisse uma condenação oficial. Poucos anos mais tarde, Clark desenvolveu mais ainda sua teoria de zoneamento ecológico em *The New Diluvialism* (1945).²⁵

Outro aluno de Price foi Frank Lewis Marsh, que enquanto lecionava no ensino médio cursou pós-graduação em biologia na Universidade de Chicago, e em 1935 completou seu mestrado em zoologia na Northwestern University. Depois de mudar-se para o Colégio União, em 1940, completou seu doutorado em biologia, tornando-se o primeiro adventista a completar um doutorado nessa área. Ao publicar *Evolution, Creation and Science*, em 1944, Marsh também admitiu limitada evolução dentro do contexto de uma criação literal de seis dias, uma cronolo-

gia de aproximadamente 6.000 anos, e o dilúvio de Noé.²⁶ Contrariando os temores dos líderes da igreja e a despeito das afirmações de Price, ficou evidente que alguns dos primeiros cientistas adventistas a freqüentar escolas de pós-graduação usaram seu novo aprendizado para desenvolver defesas mais sofisticadas da fé criacionista em vez de adotar a evolução naturalista.

Desenvolvimentos Mais Recentes

Com o passar dos anos, logicamente, muita mudança ocorreria, mas parece que as décadas de 1930 e 1940 representaram o período principal no desenvolvimento do ensino da ciência entre os adventistas do sétimo dia, pelo menos no nível superior (infelizmente, há pouca pesquisa na história adventista do ensino médio/secundário). Após esse período, o doutorado se tornou praticamente uma exigência para um professor de curso superior. As instalações também continuaram a melhorar. A Universidade Andrews, antigamente Colégio Missionário Emanuel, por exemplo, construiu um grande complexo para ciências, no início da década de 1970, arrecadando cerca de um quarto do dinheiro de fontes não-adventistas na região.²⁷ Os benefícios desse investimento estão agora retornando à comunidade com o oferecimento de um programa avançado na área de ciências para alunos do ensino médio de todo o Condado de Berrien.

O oferecimento de cursos de pós-graduação em biologia começou no Colégio Walla Walla, nos anos 1950, e

expandiu-se quando a Universidade Andrews desenvolveu um mestrado²⁸ e a Universidade Loma Linda começou a oferecer tanto mestrado como doutorado em biologia. As pesquisas freqüentemente se tornaram um elemento importante nos cursos de ciências. Na década de 1960, por exemplo, Ray Hefferlin começou a trazer bolsas de estudo do governo para o departamento de física no Colégio Missionário do Sul.²⁹

Embora os cursos de ciências já não abordem a natureza como um livro de referência para lições espirituais práticas, a tradicional preocupação adventista com a evolução permanece constante no ensino da ciência na denominação. Em 1957, a Associação Geral organizou o Geoscience Research Institute (Instituto de Pesquisa em Geociências) para ajudar a igreja a responder à questão da evolução.³⁰ Durante a década de 1970, no Colégio União do Pacífico, Ervil Clark, filho de Harold W. Clark, chegou a organizar um museu criacionista móvel.³¹ A denominação deu séria atenção acadêmica a essas questões, inicialmente oferecendo um curso de pós-graduação e depois um de graduação em geologia na Universidade Loma Linda, no fim da década de 1970. Quando o curso foi suspenso, em 1989, por razões financeiras, um de seus quatro professores foi transferido para o departamento de biologia a fim de que a Universidade Loma Linda pudesse continuar oferecendo mestrado em paleobiologia, área na qual o curso de geologia se originara. Quando em 1990 os campi de La Sierra e de Loma Linda se transformaram em duas instituições distintas, o curso de graduação em biologia foi transferido para a Universidade Loma Linda, que dentro de poucos anos começou a oferecer mestrado em geologia e, a partir de 1998, reativou o curso de graduação nessa área.³²

Conclusão

O mais importante de tudo é que o fato da maioria dos cursos de biologia nos colégios adventistas requererem uma disciplina que trate da questão das origens, com títulos como “Filosofia das Origens e Formação das Espécies” e “Biologia Filosófica e Histórica”, sugere que a compreensão do relacionamento entre o Criador e Sua criatura permanece um elemento característico da ciência adventista. Como escreve Terrie Dopp Aamodt, por causa da preocupação adventista tanto com a saúde como com o criacionismo, “o ensino da ciência em um

campus adventista é tão importante como o ensino da teologia.”³³

Mas os tempos mudam. À medida que os professores se tornam mais especializados, aumenta a importância das pesquisas e cresce o número de formados que se dedica a outras profissões não relacionadas com a área de saúde, a ciência no campus adventista está se tornando importante pelo próprio direito, ao invés de principalmente para servir outros propósitos. Enquanto edifica sobre a base estabelecida durante o século passado, a ciência adventista enfrenta o desafio de redefinir o que significa, na própria ciência, ser adventista e que função a ciência deve desempenhar na educação adventista.



Dr. Gary Land é Professor de História e Diretor do Departamento de História e Ciência Política na Universidade Andrews em Berrien Springs, Michigan, EUA. Publicou recentemente Teaching History: A Seventh-day Adventist Approach [Ensinando História: Uma

Abordagem Adventista do Sétimo Dia] (Andrews University Press, 2000), e com Calvin W. Edwards, Seeker After Light: A. F. Ballenger, Adventism and American Christianity [Buscando a Luz: A. F. Ballenger, Adventismo e Cristianismo Americano] (Andrews University Press, 2000).

REFERÊNCIAS

- Maurice Hodgen, “Percy Tilson Magan: Medical Educator”, em *Early Adventist Educators*, George R. Knight, ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1983), pág. 214.
- “Programs of Study, Battle Creek College, 1875”, em *School Bells and Gospel Trumpets: A Documentary History of Seventh-day Adventist Education in North America*, Maurice Hodgen, ed. (Loma Linda, CA: Adventist Heritage Publications, Loma Linda University Library, 1978), págs. 17-19.
- Joseph G. Smoot, “John Harvey Kellogg: Individualist”, em Knight, ed., *Adventist Educators*, pág. 101.
- Emmett K. Vande Vere, *The Wisdom Seekers* (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1972), pág. 59.
- Richard W. Schwarz, *John Harvey Kellogg*, M.D. (Nashville, TN, Southern Publishing Association, 1970), pág. 98.
- “John H. Kellogg Announces a Medical Missionary College, 1895”, em Hodgen, ed. *School Bells*, pág. 31.
- Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, CD-Rom, Versão 2) págs. 102 e 103.
- Ibidem*, pág. 134.
- E. A. Sutherland, *Living Fountains or Broken Cisterns: An Educational Problem for Protestants* (Battle Creek, MI: Review and Herald Publishing Association, 1900), págs. 392 e 397.
- Marion Ernest Cady, *Bible Nature Studies: A Manual for Home and School* (Oakland, CA: Pacific Press Publishing Association, 1902), págs. 16 e 20.
- Ibidem*, pág. 20.
- “Harland U. Stevens on Natural Science in the Curriculum, 1910”, em Hodgen, ed., *School Bells*, pág. 198.
- “Warren E. Howell on the Essentials of a Seventh-day Adventist Curriculum, 1923”, em *Ibidem*, pág. 168.
- Terrie Dopp Aamodt, *Bold Venture: A History of Walla Walla College* (College Place, WA: Walla Walla College, 1992), pág. 85.
- Ibidem*, págs. 84 e 133.
- Walter Utt, *A Mountain, A Pickax. A College: Walter Utt's History of Pacific Union College*, Epílogo de Eric Anderson (Angwin, CA: Pacific Union College, 1996), pág. 89.
- Everett Dick, *Union: College of the Golden Cords* (Lincoln, NE: Union College Press, 1967), pág. 261.
- Dennis Pettibone, *A Century of Challenge: The Story of Southern College, 1892-1992* (Collegedale, TN: Board of Trustees, Southern Missionary College, 1992), pág. 161.
- Ibidem*.
- Dick, *Union*, pág. 262.
- William G. White conta a história do reconhecimento dos colégios adventistas em “Flirting With the World: How Adventist Colleges in North America Got Accredited”, *Adventist Heritage: A Journal of Adventist History* 8:1 (Primavera de 1983), págs. 40-51.
- Dopp, *Bold Venture*, pág. 134.
- Utt, *A Mountain*, págs. 85 e 180.
- Ronald L. Numbers, *The Creationists: The Evolution of Scientific Creationism* (New York: Alfred A Knopf, 1992), págs. 72-89.
- Ibidem*, págs. 123-128.
- Ibidem*, págs. 129-131.
- Vande Vere, *Wisdom Seekers*, pág. 257.
- Ibidem*, pág. 262.
- Pettibone, *Century of Challenge*, págs. 219 e 220.
- Numbers, *Creationists*, págs. 290-298.
- Utt, *A Mountain*, pág. 135.
- James L. Hayward, “The Many Faces of Adventist Creationism: '80-'95”, *Spectrum* 25 (Março de 1996), págs. 21 e 22; Contatos pessoais de Paul Bucheim com Gary Land, 21 e 25 de fevereiro de 2002.
- Aamodt, *Bold Venture*, pág. 133.